



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS COM TEA: APONTAMENTOS TEÓRICOS A PARTIR DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Gustavo Soares dos Santos - UFMA

RESUMO

Este trabalho configura-se como um artigo de revisão bibliográfica, que tem por objetivo analisar as discussões da literatura acerca da alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para a geração de dados, foi realizado um levantamento na plataforma Periódico da CAPES, com o recorte temporal de 12 anos, levando em consideração 12 anos de existência da Lei Berenice Piana de Nº 12.764/2012, utilizando os seguintes descritores: “Alfabetização e TEA”; “Alfabetização e Autismo”; “Letramento e TEA” e “Letramento e autismo”. Na busca, foi possível localizar o total de 96 artigos e, aplicando-se critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados quatro artigos para análise. A partir da análise dos achados, verificou-se que, as pesquisas relacionadas à alfabetização e letramento de crianças com TEA dão ênfase às características da condição, bem como às suas particularidades. Além disso, os trabalhos acessados enfocam temas e/ou aspectos variados, tais como: formação do/a professor/a alfabetizador/a; adaptação curricular; afetividade no ensino, como também as diferentes abordagens acerca da alfabetização e letramento de crianças com TEA, sendo o método fônico o mais indicado.

Palavras-chave: Estágios; Narrativa (auto)biográfica; Trajetória de Alfabetização; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem do sistema alfabético, ora a alfabetização, implica em uma complexidade, pois envolve múltiplos fatores de ordem social, psicológica e linguística, por exemplo. Uma criança apesar de não conhecer formalmente o funcionamento deste sistema de representação da língua escrita, ao mesmo tempo em que convive em uma sociedade grafocêntrica, vivencia a linguagem em diferentes situações de sua vida cotidiana. Assim, pode-se dizer que é um processamento complexo, pela conjuntura dos diversos aspectos que envolvem o aprendizado da leitura e da escrita. Se por um lado, as crianças se veem

desafiadas a se apropriarem dessa modalidade de linguagem, por outro, os professores alfabetizadores enfrentam desafios no processo de alfabetização das crianças.

Visto que a alfabetização configura-se como uma etapa complexa da escolarização para qualquer criança, me indago sobre a complexidade deste processo quando envolvem as crianças atípicas, principalmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Diante das leituras feitas até aqui, vi que os estudos apontam inúmeras dificuldades no tocante à alfabetização das crianças com TEA.

Segundo Nogueira *et al.* (2019), embora tenha havido um aumento significativo de matrículas de crianças¹ com TEA, nas escolas regulares, ainda há enorme dificuldade da escola acolhê-las. Em seu estudo que investiga a opinião dos professores alfabetizadores dos anos iniciais, estes relatam desde dificuldades relacionadas à formação, a escolhas metodológicas, como também a interlocução com as famílias das crianças atípicas.

Tendo em vista que, as discussões em torno do processo de alfabetizar e letrar crianças com TEA ganharam força nesta década, “pode-se citar a falta de pesquisas sobre crianças com TEA no Brasil, principalmente quando se refere ao processo de ensino/aprendizagem e alfabetização” (Nogueira *et al.*, 2019, p. 60). Diante deste cenário apontado, mesmo com poucos trabalhos que discutam acerca da aprendizagem da leitura e escrita de crianças com TEA, **como a literatura, nos últimos 12 anos, tem abordado o processo de alfabetização e letramento de crianças com TEA?**

A partir destas inquietações, fui ao encontro do arcabouço teórico, no campo da Educação, com o intuito de analisar o que os estudos apontam acerca da alfabetização e letramento de crianças com TEA, e quais as discussões em torno deste processo que é considerado recente.

Breves apontamentos sobre o TEA

O transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento, considerada uma deficiência não-visível, demarcada por déficits que acometem algumas áreas de desenvolvimento do sujeito, a exemplo da comunicação e/ou fala, interação social, aprendizagem, processamento cognitivo, e entre outros (Gaiato, 2021). O TEA é uma

¹ Ao longo do texto é bastante utilizada a expressão “crianças com TEA”, tendo em vista que o processo de alfabetização deste público, na escola regular, acontece do 1º ao 3º ano do ensino fundamental (ciclo de alfabetização), concomitantemente com os/as alunos/as típicos que, dentro deste ciclo estarão com 6 a 8 anos de idade, portanto, crianças.



nomenclatura recente que engloba demais outros transtornos associados, tais como: Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Autismo Infantil, entre outros.

Consoante Gaiato (2021, p. 21), o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, “isso significa que algumas funções neurológicas não se desenvolvem como deveriam nas respectivas áreas cerebrais das pessoas acometidas por ele”. Desta forma, a condição apresenta algumas especificidades, que acabam por afetar o desenvolvimento e a aprendizagem, como, por exemplo, o atraso no desenvolvimento da linguagem, que dificulta o processo de alfabetização.

Acerca do conceito de “TEA” e “Autismo”, vale ressaltar que não surgiu de maneira rápida, haja vista que houve um processo evolutivo de construção de estudos científicos, teorias e evidências sobre a condição para que hoje possamos nos basear em tais conhecimentos (Santos, 2025). Com o avanço das pesquisas científicas e estudos na área da Neurologia e Neurociência, a compreensão conceitual do TEA tem evoluído de modo significativo ao longo do tempo. Esse progresso tem contribuído para que a sociedade tenha uma visão mais compreensiva acerca do TEA, assim, “transcendendo a estigmas e conceitos equivocados que historicamente acompanharam a condição” (Santos, 2025, p. 43).

METODOLOGIA

O presente estudo qualitativo configura-se como uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma revisão narrativa. Através da definição da questão norteadora e dos objetivos, sentimos a necessidade fazer o levantamento bibliográfico, para consultarmos as contribuições da literatura existente acerca da temática. Para Severino (2007, p. 122), este tipo de pesquisa “utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”.

A partir da questão norteadora e com o desdobramento dos objetivos, foi possível definir os descritores, como também os critérios de inclusão e exclusão. Desta forma, definimos os descritores de busca, ao quais são: “Alfabetização e TEA”; “Alfabetização e Autismo”; “Letramento e TEA” e “Letramento e autismo”. Vale ressaltar que a plataforma/base de dados utilizada foi o Periódico da CAPES, por esta agregar importantes periódicos científicos, comumente com avaliação por pares, às cegas.

Como etapa inicial do levantamento bibliográfico, foram definidos alguns critérios de busca para seleção dos artigos, localizados na base de dados. Portanto, o recorte temporal da

pesquisa foi de 12 anos, compreendendo os anos 2012 a 2024, haja vista que levamos em consideração o ano que foi instituída a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, lei de Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, conhecida como Berenice Piana.

Como forma de facilitar a seleção dos artigos na base de dados, fizemos uso de alguns critérios de inclusão e exclusão. Desta forma, os critérios de exclusão foram: artigos científicos em língua estrangeira; artigos que não contemplassem a temática; dissertações; teses e monografias. Para melhor selecionar, utilizamos os critérios de inclusão: artigos entre os anos de 2012 a 2024; relato de experiência; estudo de caso e pesquisa de campo.

A tabela a seguir apresenta a quantidade de trabalhos encontrados, através dos descritores, apenas aplicando o recorte temporal. Assim, foi localizado o total de 96 artigos.

Tabela 1 - quantidade de trabalhos localizados a partir dos descritores

DESCRITORES	QUANTIDADE DE TRABALHOS	ANO
Alfabetização e TEA	31	2016-2024
Alfabetização e Autismo	33	2012-2024
Letramento e TEA	14	2013-2024
Letramento e autismo	18	2010-2023

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Ao observarmos a tabela, notamos que o termo “autismo”, fornece o maior número de trabalhos se comparado ao “TEA”, mesmo sendo uma diferença razoável. O uso dos termos presentes na literatura encontrada, expressa uma transição conceitual. Vale ressaltar que o termo TEA passou a ser utilizado socialmente a partir do DSM-5, documento lançado em 2013. Fazendo o uso dos critérios de inclusão, após a leitura dos títulos e resumos dos 96 artigos, selecionamos quatro trabalhos para dar prosseguimento a esta pesquisa.

TABELA 2 - relação dos artigos analisados organizados

AUTORES/AS	TÍTULO	ANO
Mayra Ferreira Barreto	Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)	2021
Simone Martins Santos Zenaide Dias Teixeira Marcelo Duarte Porto	Alfabetização e letramento: um olhar para o processo de aprendizagem de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA)	2021
Isabella de Paula Maria Dalva Silva Patrícia Lopes de Freitas Siqueira Fabiana Silva	Aquisição de leitura em crianças com TEA e o método fônico	2021
Mayara da Silva Limeira Silvana Inácio Xavier Ediene Tabosa de Barros Patrícia da Costa Borba	Relatos do processo de alfabetização e letramento do ensino infantil ao fundamental maior de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) da rede municipal de ensino em altamira – Pará - das alegrias as frustrações	2022

Fonte: elaborada pelo autor (2024)



Estes trabalhos selecionados compuseram o corpus da pesquisa em tela e, conseqüentemente, serviram de base para a discussão proposta no presente trabalho conforme discorreremos na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados a partir dos trabalhos localizados, que foram selecionados pela proximidade com a questão de pesquisa e com os objetivos do estudo.

A pesquisa de Limeira *et al.* (2022), caracterizada como descritiva, foi realizada a partir da observação e vivência com os alunos atípicos e típicos de uma escola da Rede de Pública Municipal em Altamira-PA. As autoras dão a entender que foi realizada uma pesquisa participante, analisando os relatos de 2 alunos autistas - com idade entre 10 e 13 anos - acerca de suas aprendizagens relacionadas à alfabetização. Através dos relatos dos alunos, as pesquisadoras descrevem as dificuldades inerentes à aprendizagem e socialização, como também os desafios enfrentados por eles para realizar as atividades disciplinares, tendo em vista a ausência de suporte.

Por meio das observações realizadas, as autoras relataram também as dificuldades cognitivas dos alunos, pois não haviam desenvolvido as habilidades acadêmicas e/ou psicomotoras, por exemplo, a coordenação motora fina e grossa, o que infere diretamente no aprendizado da escrita. Desta forma, tais elementos apontados no estudo enfatizam os sucessos e os insucessos desses sujeitos, em relação ao aprendizado da leitura e escrita, o que ocasiona crises advindas das frustrações.

A partir da análise dos dados obtidos, as pesquisadoras ressaltaram que o processo de ensino e aprendizagem de uma criança autista leva tempo. Para elas, a alfabetização não segue uma ordem ou modelo, assim que o aluno tem sucesso na leitura, é preciso fazer a assimilação fonética da escrita, utilizando o processo silábico e conceitual. Por meio dos resultados obtidos, as autoras concluem que as especificidades de crianças autistas variam e que a alfabetização é um desafio ao alfabetizador.

Limeira *et al.* (2022) destacaram na pesquisa a importância que o professor, enquanto mediador, tem no ensino da alfabetização e letramento. Além disso, apontam a necessidade de aprimoramento e qualificação docente, para conhecer o nível conceitual (características da condição) e como funciona o processamento cognitivo dos educandos. Outro ponto frisado é a necessidade de levar em consideração as especificidades do aluno com TEA, de modo a



compreender que este pode aprender a ler e escrever. As autoras sugerem a utilização do Plano Especializado Individualizado (PEI), como forma de possibilitar as mediações adaptadas na escola regular.

Afirmam que as escolas precisam de aprimoramento e adaptação às necessidades individuais e coletivas, respeitando a legislação da inclusão de pessoas autistas e/ou com TEA. A mediação do professor alfabetizador garante o êxito na aprendizagem. Retomando ao ponto que as autoras se debruçam diante do processo de alfabetização da criança autista, percebemos um desvio, haja vista que a consciência fonológica não é um aprendizado que ocorre após o conhecimento e a aquisição de leitura, mas sim, torna-se uma espécie de condição e/ou habilidade para que a alfabetização aconteça a contento.

Barreto (2021) realizou uma pesquisa de revisão bibliográfica, na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre 2010 a 2020, analisando 15 artigos. A pesquisa teve como foco fazer uma reflexão sobre o processo de alfabetização e letramento de alunos com TEA. Para a pesquisadora, grande parte das escolas públicas, do Brasil, não estão preparadas para receber alunos autistas, em sala de aula, pois são necessários investimentos em estrutura arquitetônica, formação inicial e continuada dos professores e demais profissionais da educação. A autora também destaca que, além da falta de formação adequada dos professores, existem práticas tradicionais de alfabetização que tornam o aluno como um sujeito passivo e reprodutor.

O estudo destaca que o diagnóstico é importante para identificar as especificidades e necessidades do aluno autista, pois o laudo ajuda no processo de aprendizagem à medida que fornece informações mais concretas acerca da situação clínica das crianças e, assim, torna possível planejar ações pedagógicas mais condizentes com as necessidades educacionais especiais. Em relação à aprendizagem dos alunos com TEA, são apresentadas algumas estratégias: adaptação do planejamento escolar (objetivos, currículo e avaliação), inclusão em atividades e interação social.

Nesta pesquisa, se dá ênfase ao acolhimento do aluno e da família, sendo importante para o desenvolvimento do educando, pois através do diálogo com os familiares do aluno, é possível compreender os medos, dificuldades e potencialidades. Para que a inclusão do aluno autista ocorra, o processo de alfabetização deve ocorrer em conjunto com o letramento, como também a utilização de estratégias de ensino diversificadas, o que requer do professor uma postura reflexiva e inovadora, por isto a necessidade da formação continuada.

A literatura é uma aliada para a alfabetização e inclusão, através do uso de texto com imagens de animais e o uso do personagem favorito da criança. Como conclusão/resultados, a autora destaca avanços nos últimos em políticas públicas voltadas à educação das pessoas com deficiências. A legislação possibilitou avanços como: Atendimento Educacional Especializado (AEE) que é feito em Sala de Recursos Multifuncionais (SRM).

A pesquisa mostrou a possibilidade da alfabetização de alunos autistas em escolas regulares, contando que este processo seja feito de forma adaptada às especificidades. A pesquisadora destaca a necessidade de o professor estar sempre buscando alternativas diversificadas no ensino do aluno autista. Apesar dos avanços legais alcançados pelos alunos autistas, nem sempre a lei é eficaz, pois faltam escolas que possuam o AEE, recursos, entre outras condições necessárias para promover a aprendizagem das crianças com TEA.

Este trabalho traz apontamentos sobre o trabalho feito pelo professor de Atendimento Educacional especializado (AEE), nas salas de recursos multifuncionais, assim, expressando a diferença da mediação deste professor que atua no contraturno de aula do aluno, produzindo atividades psicomotoras que auxiliam no processo de alfabetização. Neste estudo, também é destacada a importância da equipe multidisciplinar. O estudo feito por Santos *et al.* (2021), busca entender a complexidade das manifestações do TEA. Apesar de não explicitar a questão norteadora que delinea o processo de pesquisa, são apresentados os objetivos. Assim sendo, o objetivo geral consistiu em analisar as práticas pedagógicas mais adequadas para o processo de alfabetização e letramento da criança autista.

Como objetivos específicos, o estudo se propôs identificar as principais características da criança autista; identificar os níveis de gravidade do TEA; analisar os métodos mais adequados para alfabetizar e letrar crianças com TEA; compreender as idiosincrasias de aprendizagem no TEA e compreender o papel das competências afetivas no processo de aprendizagem no TEA. Para tornar a leitura de fácil compreensão do leitor, foi apresentada uma seção com o contexto histórico de estudo sobre o TEA, os níveis de suporte e algumas características da condição.

Em relação ao aprendizado da leitura e escrita, é destacado que não existe um caminho ou fórmula para alfabetizar as crianças autistas, mas há possibilidades e alternativas, de acordo com as especificidades de cada criança. Os professores podem utilizar dos interesses restritos e/ou hiperfoco para inserir leituras e artefatos que chamem a atenção. Estimular, respeitar o ritmo de aprendizado e adequar estratégias às necessidades, por meio de recursos visuais, música e sons.

O estudo faz menção a alguns métodos e possíveis abordagens para alfabetizar, tais como: método sintético ou fônico; método analítico e/ou global; método das 28 palavras; símbolos pictográficos para a comunicação (SPC) e sistemas alternativos e aumentativos de comunicação (SAAC). No estudo, também é destacado que o professor deve buscar outros métodos, não sendo os tradicionais, por exemplo: método fônico, global, 28 palavras e etc.

Como conclusão do estudo, a pesquisadora ressalta a compreensão do TEA como uma deficiência que não tem cura. Reitera ainda que o professor precisa conhecer as especificidades do aluno, para, assim, partir para as aprendizagens, tendo como estratégia ensinar a partir do interesse dos alunos (objeto de fixação). As competências afetivas contribuem para a inovação e a busca de novas abordagens que cooperam com a aprendizagem do aluno. Neste trabalho, notamos também alguns aspectos da neurociência.

Paula *et al.* (2021) realizaram um estudo exploratório de revisão bibliográfica, nas plataformas Google Acadêmico, *Scielo* e Periódicos Capes. O trabalho apresenta o seguinte objetivo geral: encontrar o método de alfabetização adequado e ter conhecimento sobre todos os outros métodos de alfabetização para crianças com TEA. As pesquisadoras trazem brevemente, a partir de outros autores, o contexto histórico do TEA. Antes de abordar o método fônico, as pesquisadoras têm o cuidado de mencionar outros métodos de alfabetização, tais como: alfabético, método fônico, método silábico, palavração, sentencição e o método global. O método fônico é um método que relaciona o fonema (som) e grafema (escrita), partindo dos sons mais simples para o complexo.

A pesquisa aponta acerca de um estudo da Escola Superior de Educação e do Instituto de Neurociência Stanford, publicado em 2015, na revista *Brain and Language*, que fornece algumas evidências sobre a aprendizagem que se concentra na relação fonema-grafema, aumenta a atividade cerebral na área da leitura. O cérebro da criança com TEA funciona de forma diferente e, neste sentido, “isso requer também uma diferenciação no estilo de aprendizagem visual e auditivo, fazendo com que a memória auditiva facilite a aquisição da leitura nestas crianças pelo método fônico” (Paula *et al.*, 2021, p. 18).

A partir da leitura dos quatro artigos selecionados para investigar a relevância do método fônico, as autoras destacam que o arcabouço teórico mostrou a significância do método para o desenvolvimento e aquisição de leitura, por parte das crianças com TEA. Para as pesquisadoras, os estudos sobre o TEA e a aprendizagem evoluíram “em função dos avanços tecnológicos que andam junto da ciência e, principalmente, do despertar da sociedade em relação a essa patologia” (Paula *et al.*, 2021, p. 20). Nesta menção que fizemos, notamos o

uso do termo da área da saúde, “patologia”, que se refere à doença. Vale ressaltar que essa terminologia está em desuso, tendo em vista que o TEA não é uma infecção que possa ser transmitida, pois é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, uma condição neurológica que não se adquire ao longo da vida.

O estudo conclui que o método fônico privilegia os fonemas e grafemas, por meio de estímulo visual e sonoro. Os métodos precisam ser estudados, para que o alfabetizador escolha o mais adequado para a criança com TEA, levando em consideração as idiossincrasias do aluno. As autoras indicam a necessidade de “estudo contínuo, capacitação, e um olhar diferenciado sobre cada método e cada criança com TEA (Paula *et al*, p. 21).

Apesar do estudo trazer uma discussão sobre os métodos de alfabetização, com destaque ao método fônico, percebemos a ausência de discussão acerca do letramento. Desta forma, apesar das comprovações e/ou evidências científicas, acerca do método fônico, que muito vem se divulgando atualmente como sendo o mais indicado para alfabetizar as crianças autistas, no estudo fica evidente o distanciamento do letramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, verificou-se que as pesquisas sobre a alfabetização e letramento de crianças com TEA dos últimos 12 anos, dão ênfase às características e idiossincrasias da condição; a formação do professor alfabetizador; a adaptação curricular; a afetividade; a importância do professor e as diferentes abordagens de alfabetização e letramento direcionadas às crianças com TEA. Foi possível perceber também, a indicação e os apontamentos feitos pelos(as) pesquisadores(as) acerca de como deve ser conduzida a alfabetização e letramento.

Desta forma, o arcabouço teórico analisado destacou a importância da formação continuada dos professores alfabetizadores, sendo como um mecanismo potencializador de inclusão, principalmente para os alunos com deficiências. É evidente a necessidade de investimentos na formação inicial e continuada dos professores, haja vista que na escola as práticas de ensino tradicionais estão presentes e acabam por segregarem os alunos com TEA da aprendizagem da leitura e da escrita.

Vale destacar que a formação contínua não se restringe apenas ao professor alfabetizador que está em sala de aula, pois esta ação é voltada para todos os profissionais que estão presentes no espaço educacional. Assim, a escola enquanto um ambiente formador deve



adaptar-se à realidade dos educandos, proporcionando condições de permanência, vivências com os seus pares e um ensino adaptado que considere as suas especificidades e os seus ritmos de aprendizagem.

A alfabetização é destacada pela literatura presente como um processo complexo, mas que não se restringe apenas a codificar e decodificar. A aprendizagem desse sistema que representa a fala possibilita ao sujeito aprendente interagir com o mundo em sua volta, a partir das relações sociais, e as suas interações com as práticas de escrita. Por isso, a necessidade que a alfabetização e o letramento aconteçam ao mesmo tempo.

No que se refere às práticas de alfabetização e letramento para as crianças autistas, não existe um caminho e/ou abordagem única para alfabetizar, apesar de alguns estudos no campo da neurociência destacarem o método fônico como o mais adequado, levando em considerações as leituras e os aprendizados sobre os estudos de Magda Soares, reitero que todos os métodos juntos ou não, de forma adaptada à especificidade do aluno, podem possibilitar que a criança aprenda a ler e escrever.

Para a aprendizagem deste processo, deve-se levar em conta as capacidades cognitivas da criança com TEA, visto que o processamento cognitivo/cerebral/de informações, funcionam de forma distinta, como também existem comorbidades associadas que dificultam e tornam o processo de ensino e aprendizagem difícil. Para a criança aprender a ler e escrever e compreender o sistema de representação, é necessário que algumas habilidades sejam trabalhadas antes, a exemplo da coordenação motora e o desenvolvimento da consciência fonológica.

A alfabetização não é uma aprendizagem apenas às crianças oralizadas/verbalizadas, as crianças que ainda não desenvolveram a fala, também podem ser alfabetizadas, através dos símbolos pictográficos para a comunicação (SPC), sistemas alternativos e aumentativos de comunicação (SAAC). Uma forma de trabalhar essas habilidades é através do interesse restrito (hiperfoco) que a criança tem, trazer personagens favoritos ou animais, facilita a mediação e o direcionamento das atividades, pois é um atrativo. Assim, utilizando essa estratégia para a alfabetização e o letramento, o ensino torna-se mais interessante, à medida que a criança vai percebendo o sentido.

Os pesquisadores destacam a importância que o professor tem no processo de mediação da alfabetização, sendo este um ator principal que mediante precisa mobilizar os conhecimentos, para promover um ensino de qualidade, considerando as especificidades do aluno.



REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

BARRETO, M. F. Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Revista Amor Mundi**. v. 2 n. 4, 2021.

FERRARI, P. **Autismo Infantil: O que é e como tratar**. 4. ed. - São Paulo: Paulinas, 2012.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

GAIATO, M. S.O.S autismo: **guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. 5 ed. - São Paulo: nVersos, 2021.

LIMEIRA, M. S; XAVIER, S. I; BARROS, E. T; BORBA, P. C. Relatos do processo de alfabetização e letramento do ensino infantil ao fundamental maior de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) da rede municipal de ensino em altamira – para - das alegrias as frustrações. *in* **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 10, p. 4639-4650, 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Linhas de Cuidado. Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em 13 de Nov. 2023.

NOGUEIRA, R. L.; BRAGA, E. A.; ROSSI, C. M. S. **Educação inclusiva no Brasil: um estudo sobre a alfabetização em crianças autistas**. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/221110793.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

PAULA, I; SILVA, M. D; SIQUEIRA, P. L. F; SILVA, F.. Aquisição de leitura em crianças com TEA e o método fônico. *in* **REVISTAVOX METROPOLITANA**, n. 4, p. 12-23, 2021.

SANTOS, E. 56,4% das crianças brasileiras não estão alfabetizadas, mostra levantamento inédito do MEC. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/31/564percent-das-criancas-brasileiras-nao-estao-alfabetizadas.ghtml>. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

SANTOS, G. S. **Perspectivas de Professoras Alfabetizadoras Acerca da Aprendizagem da Leitura e Escrita por Crianças com Transtorno do Espectro Autista em uma Escola Pública Municipal de Imperatriz-MA**. Monografia de Graduação em Pedagogia: Universidade Federal do Maranhão, 2025.



SANTOS, S. M; TEIXEIRA, Z. D; PORTO, M. D. Alfabetização e letramento: um olhar para o processo de aprendizagem de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA). *in* **Revista Linguística**, v. 17, n. 2, p. 316-332, 2021.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. - São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. - Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.